



Marçal Aquino

O MISTÉRIO DA CIDADE-FANTASMA



Série Vaga-Lume

ea

editora ática

Este livro apresenta o mesmo texto das edições anteriores

O mistério da cidade-fantasma

© Marçal Aquino, 1993

Editor	Fernando Paixão
Assessora editorial	Carmen Lucia Campos
Preparadora	Lizete Machado Zan
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE

Editor	Ary A. Normanha
Capa e ilustrações	Daniel Munhoz
Edição eletrônica	Ary A. Normanha
	Fukuko Saito
	Antonio U. Domencio
	Marco Antônio Fernandes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A669m
5.ed.

Aquino, Marçal, 1958-

O mistério da cidade-fantasma / Marçal Aquino ; ilustrações

Daniel Munhoz. - 5.ed. - São Paulo : Ática, 2000.

96p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-04536-5

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Munhoz, Daniel. II.

Título. III. Série.

10-4486.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 04536-5 (aluno)

ISBN 978 85 08 04538-9 (professor)

2013

5ª edição

14ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



UMA CIDADE QUE NÃO ESTÁ NO MAPA

Por engano, um grupo de amigos que tinha decidido acampar vai parar numa cidade completamente deserta e é obrigado a passar a noite ali. Não bastasse a situação por si só pouco atraente, logo começam a ocorrer fatos estranhos que despertam a atenção da turma.

Os sinos da igreja parecem estar tocando sozinhos e um vulto misterioso percorre a praça do lugar, em meio ao maior temporal. Isso, entretanto, é apenas o começo... O pior ainda está por acontecer. Você nem pode imaginar o que se esconde por trás do mistério da cidade-fantasma.

Neste livro incrível, a realidade vai revelar um lado muito além da imaginação. Você vai conhecer um grupo de jovens às voltas com uma aventura de arrepiar os cabelos. Suspense, mistério e muita emoção estão à sua espera nas páginas que seguem. Prepare seus nervos!

CONHECENDO MARÇAL AQUINO



*Quando criança, Marçal Aquino conheceu uma cidade abandonada, nas proximidades de Campinas. Era um povoado que, por causa da crise do café, tinha perdido todos seus habitantes e agora vivia envolto em um estranho silêncio. Essa experiência marcou-o de tal forma que muitos anos depois serviu de inspiração para **O mistério da cidade-fantasma**. O escritor nasceu em Amparo, no interior paulista, em 1958.*

Começou a escrever aos dezesseis anos, no jornal de sua cidade, e não parou mais: tornou-se jornalista, sem abandonar a literatura. Ganhou vários prêmios literários e hoje é considerado um dos destaques da nova geração de escritores brasileiros.

S U M Á R I O

PRIMEIRA PARTE • *A CIDADE-FANTASMA*

1. UM ENGANO	8
2. A DESCOBERTA DE ALEX	11
3. A CIDADE	17
4. UM FANTASMA NO CORREDOR	22
5. SURPRESA PARA O JANTAR	25
6. UM VULTO NA CHUVA	28
7. CENAS DE HISTERIA	32
8. SESSÃO DE CINEMA	36
9. BARTOLOMEU	39
10. SURPRESAS NO HOTEL	45
11. NOTÍCIAS VELHAS	47

SEGUNDA PARTE • *OS FANTASMAS DA CIDADE*

1. A CHEGADA DO HOMEM CINZA	52
2. CONVERSA NA FUNERÁRIA	53
3. REFLEXÕES NO CATIVEIRO	62
4. A CIDADE DO CRIME	67
5. UM HOMEM APAIXONADO	72
6. RECORDAÇÕES DO PASSADO	75
7. MENINA CORAJOSA	79
8. KID MONTANHA X HOMEM CINZA	82
9. O SEGREDO DE BARTOLOMEU	86
10. A MINA VERMELHA	91


Para Alice, que chegou
junto com este livro.



PRIMEIRA PARTE

A CIDADE-FANTASMA

“Não tenho medo do escuro,
mas deixe as luzes acesas agora.”
(Renato Russo, “Tempo perdido”)



1. UM ENGANO

Um minuto depois que o ônibus se afastou pela estrada de terra, levantando uma imensa nuvem de poeira, Cacá percebeu que cometera um erro terrível. Ele olhou para seus quatro companheiros, que observavam a paisagem com a curiosidade de quem vê uma coisa pela primeira vez, e passou a mão pelos cabelos encaracolados, sem saber como contar-lhes o que acabara de descobrir.

— Gente, acho que fiz uma grande burrada — começou a falar lentamente, meio sem jeito, como se procurasse coragem para dar uma notícia ruim.

Todos olharam para ele. E como permaneceram em silêncio, Cacá tomou fôlego e disse:

— Nós desembarcamos no lugar errado.

As reações foram diferentes. Patrícia, sua namorada, fez uma careta e deixou cair no chão a pesada mochila que carregava no ombro. Alex franziu a testa, olhando para Cacá com cara de quem não tinha entendido. Helinho também colocou no solo sua bagagem e sentou-se sobre uma das malas, tirando em seguida o boné e passando a mão pelo rosto suado. E Mônica, a irmã de Patrícia, sacudiu a cabeça, desanimada, antes de comentar:

— Eu sabia que tudo estava indo certinho demais.

Fazia calor e o único ruído que se ouvia, além do ronco do motor do ônibus soando cada vez mais distante, era produzido por pássaros e insetos. Cacá consultou o relógio: quase três da tarde da sexta-feira. Ele estava confuso e faminto, como todo mundo ali, pois ainda não havia almoçado. E por duas razões Cacá sabia que a responsabilidade por tudo que acontecesse com o grupo era sua: por ser o mais velho da turma e, afinal, porque fora sua a ideia de passar o feriado prolongado da Semana da Pátria num *camping*.

— Você tem certeza de que errou o lugar onde a gente teria de descer? — perguntou Patrícia, inconformada, aproximando-se do namorado.

Cacá olhou para ela e depois para a expressão de desalento estampada no rosto dos demais. Colocou no chão os pesados equipamentos de *camping* que levava nas costas, esfregando os ombros doloridos. Em

seguida examinou mais uma vez o cenário à sua volta, como se as árvores e montanhas silenciosas pudessem oferecer alguma orientação.

— Juro que eu achei que era aqui a entrada para o *camping* Serra das Rosas — explicou, abrindo o mapa que carregava no bolso. — Pelas anotações que fiz, a gente já devia estar avistando uma cachoeira.

— Eu não estou escutando nenhum barulho de água. A única coisa que ouço é meu estômago reclamando da fome — brincou Helinho, espreguiçando-se.

— Mas como é que aconteceu um negócio desses? Você não esteve aqui no ano passado? — Alex perguntou, aproximando-se também de Cacá.

— Claro que estive. Lembro que desci logo depois que o ônibus passou por uma ponte e eu pensei que era aquela ali — Cacá respondeu, indicando uma pequena ponte a duzentos metros de onde o grupo se encontrava.

— Deve existir outra ponte perto do *camping* e com certeza você não reparou nesta aqui quando passou por ela no ano passado — opinou Patrícia, tentando confortar o namorado.

— Vai ver foi isso — Cacá concordou, enquanto tornava a conferir o mapa. — E o que me atrapalhou mais ainda é que a paisagem é muito parecida. Só descobri que tinha me enganado quando não vi a cachoeira.

— Sabe o que eu acho? A gente devia ter perguntado ao motorista do ônibus se estava descendo no lugar certo — disse Alex, como se estivesse criticando o companheiro.

— Agora é tarde, Alex — Cacá rebateu. — Eu nem pensei nisso na hora porque tinha certeza de que o lugar era este.

— E agora, o que a gente vai fazer? — quis saber Mônica, que roía as unhas, sua reação característica quando estava nervosa. — Estamos perdidos aqui neste fim de mundo...

— Espere aí, Mônica, também não é assim tão grave — disse Helinho, levantando-se e colocando a mão no ombro da menina. — E seu espírito aventureiro, onde é que fica?

— Espírito aventureiro uma ova! — a garota exclamou, olhando com ar de reprovação para o companheiro. — Bem que eu queria passar este feriado prolongado em São Paulo mesmo. Não sei por que topei vir com vocês. Eu nem gosto de mato.

— Calma, gente — Cacá pediu, enquanto prosseguia sua consulta ao mapa. — Vamos ficar calmos e pensar numa solução. Acho que não estamos tão longe do *camping* assim...

— Ué, basta pegar o próximo ônibus e tudo bem — sugeriu Alex, ao mesmo tempo que também se livrava das mochilas que carregava.

— Bobão, você esqueceu que aquele ônibus em que viemos é o único que passa por aqui? — censurou-o Helinho. — Foi isso o que disseram lá na rodoviária de Bauru quando a gente embarcou. Outro ônibus só amanhã.

— Quem sabe conseguimos uma carona até o *camping* com algum carro que passar por aqui... — Patrícia tentou animar os companheiros.

— Só se for carro de boi — Helinho retrucou, provocando um riso nervoso em todos. — Não cruzamos com nenhum carro desde que o ônibus entrou nesta estrada de terra, estão lembrados?

— Será que não existe nenhum telefone aqui por perto? — perguntou Mônica, dirigindo-se a Patrícia. Podíamos ligar para o papai e ele com certeza manda alguém pegar a gente aqui.

Patrícia riu da sugestão de Mônica. E perguntou se ela tinha ideia da distância a que se encontravam de São Paulo. Diante do silêncio da irmã, prosseguiu:

— Deixe de ser medrosa, menina. A gente só desembarcou no lugar errado. Vamos chegar até o *camping* daqui a pouco, não é, Cacá?

— É isso mesmo, gente — Cacá concordou, dobrando o mapa. — Mas acho que primeiro temos uma outra coisa pra resolver: o almoço.

— Ufa! Ainda bem que eu não sou o único que tem estômago aqui — Helinho comentou, recolhendo a bagagem do chão.

— Então mãos à obra — comandou Cacá, erguendo com esforço os equipamentos de *camping*. — Podemos sentar na sombra daquela árvore e preparar uns sanduíches bem rapidinho.

Mônica olhou para a árvore que o namorado da irmã havia indicado do outro lado da estrada e, quando falou, sua voz tinha um tom indisfarçável de queixa:

— Será que ali não tem cobra?

— Ô menina medrosa — Helinho disse, puxando Mônica pelo braço. — Se aparecer alguma cobra, a gente faz recheio para os sanduíches com ela.